

# BALANÇA MAS NÃO SAI

Marcio Vieira e  
Andrea Cordeiro  
Da equipe do **Correio**

**T**empo é uma palavra que não faz mais parte do vocabulário dos invasores de áreas públicas do Distrito Federal. Alheios aos prazos destinados pelo governo para desocupação, os invasores prometem resistir às derrubadas e permanecem em seus barracos. Hoje os ocupantes das áreas públicas serão notificados por fiscais do Governo do Distrito Federal de que terão 24 horas para deixar o local invadido ilegalmente. O prazo passa a valer a partir do momento em que o invasor for notificado.

Os moradores das invasões preferem acreditar na sorte. O desempregado Adriano Batista da Silva, 25 anos, é um deles. Morando há dois meses em uma invasão atrás da Escola Classe 521, na QR 521 de Samambaia, ele não tem a intenção de deixar o lugar. "Estou desempregado e não tenho condições de pagar aluguel", conta ele, que morava em um cômodo alugado na QR 123 pelo qual pagava R\$ 70 por mês. "A dona queria me pôr para fora porque tinha quatro meses que eu não pagava o aluguel."

Casado com a dona-de-casa Maria Faustina Barbosa Lemos, Adriano ganhava R\$ 230 por mês. "Já era difícil pagar o aluguel quando estava trabalhando, desempregado é impossível", garante. Nascido em Brasília, ele acredita que tem direito a um lote. "Já entrei em várias cooperativas para ver se conseguia um lote", afirma ele, que diz ter desembolsado R\$ 6 para confeccionar a carteirinha de uma das cooperativas. "Não me lembro do nome de nenhuma das cooperativas."

Informado sobre a medida do GDF de retirar os invasores em um prazo de 24 horas após a notificação, Adriano surpreende na resposta. "A gente tem que ter um espírito aventureiro", argumenta. Ainda dividem o espaço de seis metros quadrados no barraco de um cômodo, dois filhos do primeiro casamento de Maria Faustina.

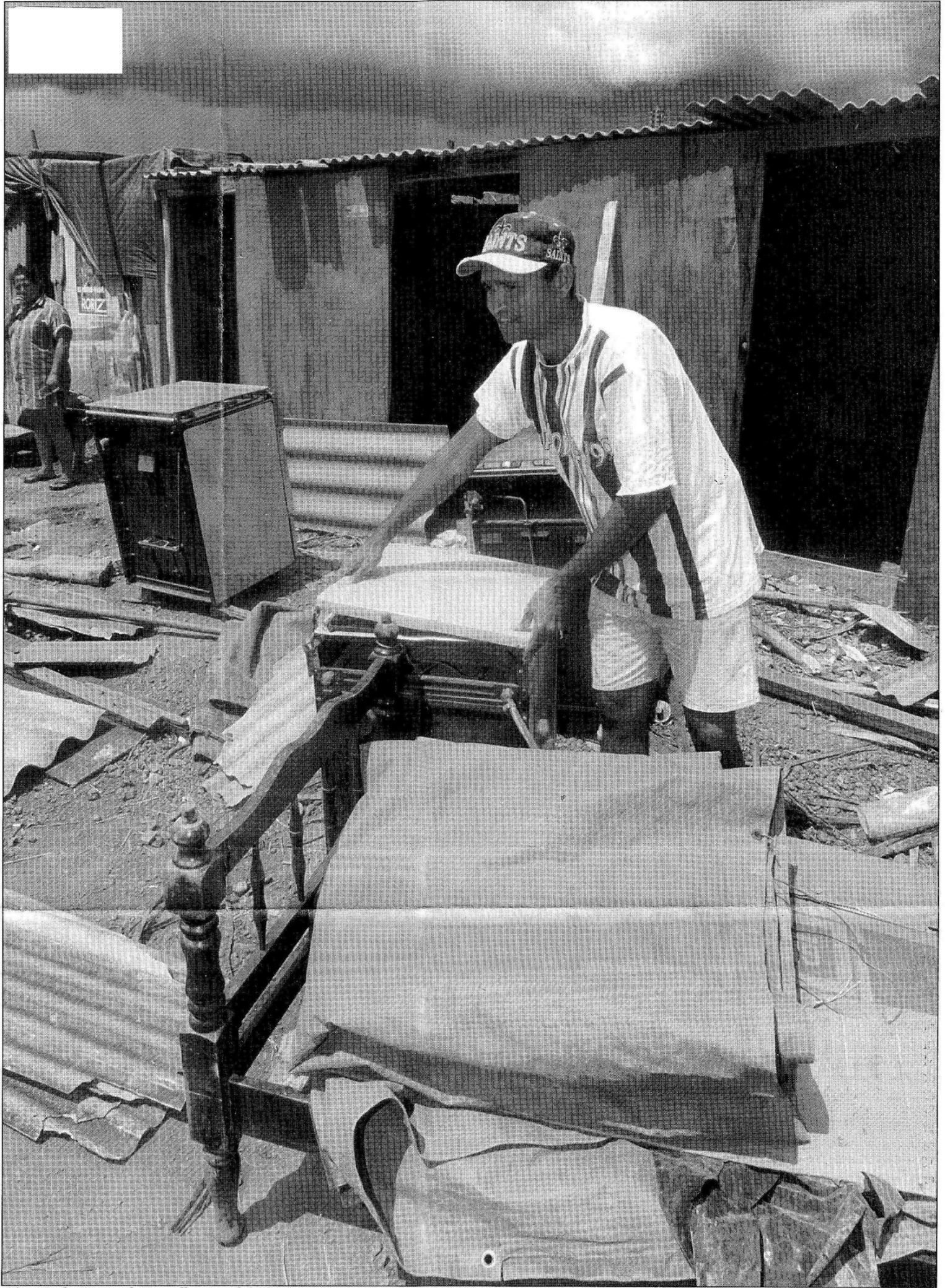
Vizinho de Adriano na invasão, César Carlos Santos de Carvalho mora há três meses no local. "Desde 1991, eu tento conseguir um lote e nada", reclama ele, que trabalha em uma empresa que presta serviços para o Serviço de Limpeza Urbana (SLU). "Eu pagava R\$ 120 de aluguel. Era muito pesado", conta. "Se eu viver de pagar aluguel não sobra nada", complementa ele, que na tarde de ontem fazia uma reforma no barraco. "É para aumentar um pouco o espaço", justifica ele, enquanto tira os móveis da casa.

## FILHOS DO GUARÁ

Uma barraquinha de lona à beira da pista e muitas faixas de apelo ao governador Joaquim Roriz. O balão de acesso ao Guará II virou sede oficial dos apelos de 210 famílias integrantes da Associação Filhos do Guará. Eles, como as outras 19 cooperativas e associações de moradores, esperam pela decisão do GDF de liberar lotes nas áreas que restam para habitação no Guará II.

A entidade tem quase um mês de existência e começou a se organizar

Paulo de Araújo



César Carlos Santos de Carvalho mora há três meses na invasão e desde 1991 tenta conseguir um lote. Está reformando o barraco "para aumentar o espaço"

depois das invasões que ocorreram no Guará no mês passado. Mas a vontade de ganhar o lote esbarra em dois problemas: nenhuma das famílias da associação tem inscrição no Idhab e sequer cogita a possibilidade de ingressar em cooperativas.

"Não temos dinheiro para bancar as taxas. São R\$ 150,00 para o cadastramento e R\$ 10,00 de mensalidade. Queremos ganhar o lote por merecer", explica o presidente da associação, Wendel Viana que tem 24 anos, casado e pai de Giovanne, 2. "Moro de favor na casa da minha mãe", reforça.

"A gente mora de aluguel, de favor, em casa de fundo. Não temos dinheiro para entrar em cooperativas. Eles avisam que quando o GDF liberar os lotes deveremos desembolsar mais de R\$ 2 mil para pagar a construção da casa. Não dá", lamenta a dona de casa Maria de Lourdes Oliveira, 31 anos. "A gente quer receber

o lote e pagar o governo sem ter que entrar para nenhuma cooperativa", emenda.

O comerciante Eládio Moura, 40 anos, também reclama: "Nós nascemos aqui no Guará e deveríamos ter direito aos lotes em primeiro lugar. Tem cooperativa aqui de gente que veio da Bahia, da Ceilândia querendo o que é nosso por direito". Eládio mora há 32 anos no Guará e é integrante da associação. "Somos contra invadir lotes. Não estamos invadindo com essa barraca. Só mostrando a eles que nós existimos e queremos nossos lotes. Mas também não vamos deixar de lutar por nossos direitos", completa.

Que a espera é longa e a disputa por cerca de cinco mil lotes, segundo o presidente da associação, está acir-

rada, todo mundo sabe. Por isso, a troca de acusações entre os interessados das diversas entidades é constante. "Decidimos acampar aqui porque não queremos levar tiro de ninguém que está de vigia naquelas quadras", revelou o comerciante.

A vigília dos Filhos do Guará já dura uma semana e recebeu o apoio do deputado distrital Alfrío Neto (PPS), ex-administrador do Guará. "Nós aceitamos o apoio de todo mundo que quer ajudar, mas não queremos a interferência de político nenhum. Parado só atrapalha nessas horas", emenda Wendel.

Ontem, no final da tarde, as famílias inscritas reuniram-se na barraca para decidir sobre os rumos do movimento. No início de janeiro uma

comissão foi recebida pelo governador Roriz que pediu um prazo de 90 dias para organizar o secretariado do governo e definir a política habitacional do governo. "Ele sabe que nós existimos e estamos esperando os lotes. Se a gente perceber que estão nos passando para trás, vamos bloquear as ruas do Guará", ameaça a associada Edna Deciles, 32 anos, auxiliar de escritório e moradora da Guará há 25 anos.

A filosofia de Arlinda Guimarães, também integrante da organização, é mesma que a de Adriano, um dos invasores da QR 521. Para ela, o fato de ter nascido no Distrito Federal lhe dá o direito a um pedaço de terra. "Não somos invasores", frisa. "Nós temos o direito ao lote aqui no Guará. Nascemos aqui. Somos filhos de Guará", brada ela, tentando justificar uma causa com o mesmo discurso de sete mil invasores de áreas públicas do DF.

